

# **TRABALHO DOCENTE E AS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO DE MULHERES QUE ATUAM COMO PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Débora Alves Lopes Vieira y Ester Alves Lopes Mendes.

Cita:

Débora Alves Lopes Vieira y Ester Alves Lopes Mendes (2017).  
*TRABALHO DOCENTE E AS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO DE  
MULHERES QUE ATUAM COMO PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.*  
*XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología.*  
*Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/349>



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**TRABALHO DOCENTE E AS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE DO CONTEXTO DE  
MULHERES QUE ATUAM COMO PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Débora Alves Lopes Vieira

debora.eeiufg@gmail.com

NEPIEC-UFG / PPGS-UFG

Brasil

Ester Alves Lopes Mendes

ester\_alp@hotmail.com

NEPIEC-UFG / FARA

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### **RESUMO**

Esse artigo é resultado de estudos acerca do trabalho docente e relações de gênero iniciados nas no curso de mestrado em Sociologia e em Educação da Universidade Federal de Goiás. Esse trabalho objetiva apresentar uma discussão sobre o trabalho no setor de serviços, especificamente na educação, no trabalho de mulheres, professoras da educação infantil, bem como a relação com seu contexto pessoal e familiar, a fim de compreender a administração das emoções no trabalho com a educação de crianças e nos diversos ambientes que cerceiam sua vida. Para tanto, partiremos por uma análise da sociologia das emoções, tendo em vista que a partir desse olhar podemos analisar as desigualdades das estruturas sociais em sua relação com o sentimento, com o trabalho emocional e as grandes influências que podem exercer nesse contexto. Ao tratarmos as emoções como uma categoria sociológica abrimos a possibilidade de ampliar a compreensão para além de uma análise macro, generalizante, focada em tradições. Dito isto, para dar conta da discussão serão utilizados na fundamentação teórica desse artigo, autores como Hochschild, Jaggar, Bonelli, Kergoat, Piscitelli, Gatti, Ferreira.

### **ABSTRACT**

This article is the result of studies on teaching work and gender relations initiated in the academic formation of the authors in the masters in sociology and education. In this sense, this work aims to present a discussion about work in the service sector, specifically in education, in the work of women, teachers of early childhood education, as well as the relationship with their personal and family context, in order to understand the administration of emotions in working with the education of children and in the various environments that curtail their life. In order to do so, we will start with an analysis of the sociology of emotions, considering that from this perspective we can analyze the inequalities of social structures in their relationship with feeling, with emotional work and the great influences they can exert in this context. In treating emotions as a sociological category we open the possibility of broadening understanding beyond a macro, generalizing, tradition-focused analysis. That said, to give account of the discussion will be used in the theoretical construction of this article, authors such as Hochschild, Jaggar, Bonelli, Kergoat, Piscitelli, Gatti, Ferreira among others.

### **Palavras clave**

Trabalho docente; Divisão sexual do trabalho; Emoções.

### **Keywords**

Teaching work; Sexual division of labor; Emotions.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **INTRODUÇÃO**

A segunda metade do século XX foi marcada por mudanças profundas na economia, na política e principalmente nas relações sociais e na forma de pensar e agir das pessoas. Uma verdadeira metamorfose que criou várias tensões, desafios e possibilidades.

As mudanças no mundo do trabalho foram significativas nesse período. Novos modelos produtivos, novas relações de trabalho e a questão de gênero se tornaram temas de debate, principalmente no campo da sociologia. A categoria de gênero estava ausente nos estudos sobre trabalho, e nesse momento as diferenciações do trabalho masculino e feminino tornavam-se centrais nas transformações no mundo do trabalho, no contexto de reestruturação produtiva. (HIRATA, 1998)

O setor de serviços de acordo com Nunes (2011) fortalecia mediante as diversas condições criadas ao mercado com a intensificação de novas formas de produção. Dentre as atividades exercidas no setor de serviços destaca o trabalho docente, nesse caso, na Educação Infantil, como uma área predominantemente feminina. Ressalta-se outra grande marca do setor de serviços, a divisão sexual do trabalho e conseqüentemente a desvalorização do trabalho da mulher e a invisibilidade do trabalho reprodutivo. (NUNES, 2011; PISCITELI, 2009)

Apesar do processo de reestruturação produtiva, da modernização, do desenvolvimento tecnológico, a manutenção de antigas formas de trabalho, e principalmente as condições precárias e a desvalorização do serviço desenvolvido por mulheres ainda prevalece, perpetuando em um contexto geracional aprendido ainda na infância.

Neste artigo será abordada a uma discussão da sociologia das emoções, destacando as atividades do profissional da educação, especificamente da Educação Infantil. Análise realizada sob o prisma das relações de gênero.

A base teórica e epistemológica desse trabalho tem como referência o diálogo com teóricos do campo da sociologia das emoções norte-americana, sociologia do trabalho e grandes feministas, na discussão da questão de gênero.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Para tanto partiremos por uma análise da sociologia das emoções e das relações de trabalho, tendo em vista que a partir desse olhar podemos analisar as desigualdades das estruturas sociais em sua relação com o sentimento, o emocional e as grandes influências que podem exercer nesse contexto. O artigo será discutido em duas sessões, iniciando com uma compreensão da sociologia das emoções, em seguida do setor de serviço, finalizando com uma discussão sobre o trabalho docente na Educação Infantil.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **MARCO TEÓRICO/MARCO CONCEITUAL**

### **1. AS EMOÇÕES ENQUANTO CATEGORIA SOCIOLÓGICA**

De acordo com Jaggar (1997) as emoções têm sido subjugadas como prejudiciais ao conhecimento, partindo do pressuposto que desde Platão a razão é fonte indispensável à produção do conhecimento. A autora ressalta uma relevante discussão na relação entre razão e emoção na produção de conhecimento no contexto histórico:

[...] A razão não só se opõe a emoção, mas é associada ao mental, ao cultural, ao universal, ao público e ao masculino, enquanto a emoção é associada ao irracional, ao físico, ao natural, ao particular, ao privado e, obviamente, ao feminino. (JAGGAR, 1997, p.157)

Somente no século XX, nas últimas décadas, que as discussões sobre a emoção começaram a ganhar mais destaque, nesse contexto de valorização da razão como indispensável ao conhecimento. Tensões teóricas se estabeleceram na tentativa de constituir “as emoções” enquanto categoria sociológica. Das tendências apresentadas nesse contexto, a construtivista, estabelecida por autores como Arlie Rochschild, torna-se fundamental nas discussões sobre gênero, avivadas também em meados dos anos de 1970.

#### **1.1 Embates conceituais no final do século XX**

As discussões teóricas sobre as emoções intensificaram-se mais no final do século XX, enquanto categoria sociológica, com estudiosos norte-americanos. Discussões essas acaloradas em torno de conflitos conceituais, analisando as emoções por perspectivas distintas e por vezes inconciliáveis.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Duas posições teóricas se formaram nos embates sociológicos sobre as emoções, uma posição universalista, naturalista, representada por teóricos como Theodore Kemper e Jonathan Turner e a abordagem construtivista concebida por estudiosos como Arlie Hochschild, Susan Shott entre outros. (TORRES, 2009)

As duas posições se distinguem e se explicam constituindo um embate com a outra abordagem. De acordo com Torres (2009) os autores adotam uma postura de construir sua posição contrastando-a com a outra abordagem, preocupando em reporta-se com a outra e não de fato descrever e destacar suas características internas. Nesse contexto a autora descreve a tendência universalista ou biossocial:

[...] O polo universalista defende uma posição científica (segundo o modelo da ciência natural) e afirma a preponderância do substrato biológico sobre os fatores sociais. Propõe também, que as emoções são indissociáveis da história evolucionária da espécie, estão pré-fixadas no organismo humano e são prontamente identificáveis por certas substâncias características produzidas pelo cérebro. (...) todas as emoções primárias encontradas em sociedades particulares, ainda que aparentemente distintas, derivam de emoções primárias, de base biológica, generalizáveis para todas as sociedades humanas. (TORRES, 2009, p. 19/18)

Já a outra abordagem, conhecida como “construcionista” ou “interacionista” ou ate mesmo “sociocultural”, de acordo com Torres (2009) se diverge da primeira ao ressaltar que as emoções não podem ser somente definidas por seu caráter biológico, mais que isso, as emoções são socialmente construídas, variando de tempos em tempos e em cada sociedade. Para essa tendência cada sociedade tem suas regras, mesmo as de sentimento, cada uma expressa suas emoções de formas diferentes, portanto, as emoções não podem ser definidas ou explicadas apenas como substrato fisiológico.

De acordo com Torres (2009) a abordagem universalista tem a preocupação de constituir um modelo explicável, objetivo, de forma que as emoções possam ser calculadas, presumidas e livres de qualquer subjetividade. A posição construtivista por entender as emoções como uma construção social, compreende que elas estão relacionadas aos processos de controle e de coesão social, sem uma regra de como será, sem certezas, podendo ser trabalhadas de acordo com cada ambiente,



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

situação, ou qual papel social se estabelece naquele determinado contexto, ou determinada sociedade.

A tensão entre essas duas posições se dá em um momento em que as “emoções” tentam se constituir enquanto categoria sociológica. As duas vertentes travam esse embate conceitual na tentativa de explicar e sobrepor sua posição em detrimento da outra.

Os estudos sobre as emoções, na área da sociologia ainda é incipiente. Fazem-se necessários maiores avanços nesse campo, tendo como pressuposto que a partir de uma sociologia das emoções é possível investigar, analisar e compreender várias desigualdades das estruturas sociais, com um olhar mais ampliado, buscando uma totalidade<sup>1</sup> dos fatos.

## **1.2 A sociologia das emoções: abordagem construtivista**

A abordagem construtivista/ sociocultural tem contestado cada vez mais as suposições universalistas, do modelo positivista. Para Jaggar (1997), a visão universalista não se sustenta na medida em que objetivam e generalizam as emoções, compreendendo-as como sensações, repostas fisiológicas, ignorando o contexto em que as emoções podem ser experimentadas. Para a autora as emoções se diferem de sensações, de repostas fisiológicas, por dependerem das disposições dos sujeitos, do tempo e do contexto em que estão inseridos.

[...] Pode-se perceber claramente que as emoções são socialmente construídas quando se ensina deliberadamente às crianças aquilo que sua cultura define como resposta apropriada a certas situações: ter medo de pessoas estranhas, gostar de comida temperada ou gostar de nadar em água fria. Num nível menos consciente, as crianças também aprendem o que sua cultura define como maneiras apropriadas para expressar as emoções que ela reconhece. (JAGGAR, 1997, p. 163)

---

<sup>1</sup> Totalidade no sentido marxista, buscando não tudo, mas um todo significativo, uma síntese das múltiplas determinações, não é tudo que interessa, mas o que foi determinante na realidade, ou seja, um passado que não passou.





**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Arlie Hochschild, Susan Shott e Steven Gordon<sup>2</sup>, são os principais representantes de constituição dessa posição teórica sobre as emoções. Tanto Hochschild quanto Shott ressaltam a emoção como essencial para a organização coletiva de qualquer sociedade, no que diz respeito às “regras de sentimento” estabelecidas por cada uma, bem como os “vocabúlos emocionais” criados socialmente. (TORRES, 2009).

Hochschild em sua discussão sobre as emoções relaciona diversos sentimentos, tais como raiva, luto, afeto, inveja, amor, alegria entre outros, com fatores e contextos sociais, com temporalidade. Ou seja, características externas, de forma que inviabiliza a concepção positivista, imposta pela vertente naturalista. (BONELLI, 2003)

Jaggar (1997), ao discorrer sobre essa concepção de Hochschild e os demais teóricos dessa vertente em questão, ressalta a posição de emoção enquanto construção social:

[...] Até emoções aparentemente universais, como a raiva ou o amor, podem variar de uma cultura para outra. (...) O amor romântico foi inventado na Europa na Idade Média e, desde então, tem sido modificado consideravelmente; por exemplo, não é mais restrito à nobreza e não necessita mais ser extraconjugal ou não consumado. Em algumas culturas, o amor romântico nem mesmo existe. (JAGGAR, 1997, p. 164)

De acordo com Bonelli (2003) um dos pontos abordados por Hochschild sobre a sociologia das emoções é o trabalho emocional. Constitui-se, portanto como “uma forma consciente como os seres humanos atuam para suprimir a distância entre o que estão sentindo e o ideal que têm do que deveriam sentir”. (2003, p. 358)

O trabalho emocional para Hochschild estaria relacionado a uma administração, manipulação dos sentimentos, como forma de adequação a diversas disposições do sujeito na sociedade, criando “expressões faciais, corporais” adaptadas a alguma situação, por vezes, administração essa trocada por um salário. Análise essa feita para discutir as relações de gênero e a posição da mulher nas novas relações de trabalho, na vida pública e privada. (BONELLI, 2003)

---

<sup>2</sup> Steven Gordon compartilha da mesma posição teórica de Arlie Hochschild e Susan Shott, no entanto, o foco de sua análise se firma mais sobre “os sentimentos” do que “as emoções” em si. (Ver mais sobre a perspectiva de Gordon: GORDON, 1981; TORRES, 2009)



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Com essa discussão de Hochschild sobre a sociologia das emoções e sua vinculação com as relações de gênero e de trabalho encerra-se essa sessão. Discutiremos adiante um pouco sobre as intensas mudanças ocorridas no mundo do trabalho no final do século XX, com foco do trabalho em serviços e posteriormente como a sociologia das emoções podem ajudar a compreender as diversas desigualdades existentes em uma das ocupações desse setor.

### **1.2 Divisão sexual do trabalho e o trabalho emocional**

Piscitelli (2009) ao fazer uma breve análise da divisão sexual do trabalho no Brasil, destaca que a igualdade entre homens e mulheres está longe de acontecer. Mesmo com maior grau de escolaridade e em funções semelhantes não há igualdade salarial. A autora ressalta também que além dos baixos salários, das horas extensas de trabalho (considerando o segundo turno realizado em casa), a mulher ainda enfrenta a questão da violência, que agrava quanto mais ela tenta sair dos antigos paradigmas tradicionalistas, de submissão e poder.

Nesse contexto acima analisado do desempenho de atividades de confecção no ambiente familiar, a divisão sexual do trabalho prevalece desigual. Justamente por ser entendido como extensão do trabalho doméstico, o trabalho domiciliar fica a cargo da mulher, formando um ciclo geracional, na medida em que as filhas tendem a seguir o mesmo caminho das mães.

Quando o homem assume alguma função no trabalho domiciliar, nesse caso, nas atividades de confecção, geralmente carregam outra identidade de trabalho, bem mais valorativa. Essa identidade está vinculada ao princípio de hierarquização (valorização do trabalho masculino em detrimento do trabalho feminino) constituído por Kergoat (2009) e ao conceito de escada rolante (facilidade e valorização do homem em ocupações femininas), desenvolvido por Willians (2013).

Essa divisão sexual do trabalho tanto no trabalho domiciliar, quanto nos afazeres domésticos, fazem com que a mulher exerça uma jornada de trabalho longa e extenuante. Situações como essa fazem com que o trabalho emocional passe a ser imprescindível para harmonia no convívio familiar e em sociedade.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Hochschild (2003) aponta a necessidade de haver um gerenciamento das emoções ou trabalho para gerar sentimentos apropriados em determinadas situações. Sendo mais acentuado entre as mulheres do que em homens, tendo em vista toda discussão já realizada até aqui.

Para a autora há diversas formas de agir em relação à administração das emoções: agir na superfície (fingir sentir), agir em profundidade (sentir realmente a emoção) e representação profunda (onde a pessoa atua para si mesmo). Em todas essas formas de trabalho emocional existem os custos, tais como estresse (estranhamento de si), despersonalização do trabalho (perca do sentido, trabalho como robô) e a busca de terapias de ajuda (perca da autenticidade, do contato com os próprios sentimentos).

[...] O trabalho das emoções feito principalmente pela mulher para lidar com a dupla jornada, e o custo emocional que ele representa tanto na negação do problema quanto nas separações conjugais que causam, tornam-se uma terceira jornada de trabalho na vida cotidiana. (BONELLI, 2003, p. 362)

A mulher nesse contexto de subcontratação, longas jornadas, não reconhecimento de suas atividades domiciliares e domésticas como trabalho de fato, está constantemente administrando suas emoções. Na medida em que é necessário produzir um estado emocional para outras pessoas e para si mesmo, na tentativa de conseguir cumprir tudo que lhe foi encarregado e manter a harmonia no meio em que está inserida, respeitando as regras de sentimentos apropriados para as determinadas situações.

Jaggar (1997) descreve a força da constituição de determinados conceitos e tipos ideais dentro da nossa sociedade e como as emoções estão diretamente relacionadas ao uma construção social e cultural, perpetuando as desigualdades e preconceitos ao longo do tempo.

“Dentro de uma sociedade hierárquica, as normas e os valores predominantes tendem a servir aos interesses dos grupos dominantes. Dentro de uma sociedade capitalista, de supremacia dos brancos e orientada para o masculino, os valores predominantes tenderão a servir aos interesses de homens brancos ricos. Consequentemente, é provável que desenvolvamos uma constituição emocional completamente inadequada para o feminismo. (...) seja qual for nossa orientação sexual, é provável que sejamos homofóbicos; seja qual for nossa classe, é provável que sejamos pelo menos um tanto ambiciosos e competitivos; seja qual for nosso sexo, é provável que sintamos desprezo pelas mulheres. As respostas emocionais podem estar tão



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

profundamente arraigadas em nós, que se tornam impermeáveis a argumentos intelectuais e podem vir à tona mesmo quando dirigimos louvores fingidos a convicções intelectuais diferentes.” (JAGGAR, 1997, p. 173)

## 2. SETOR DE SERVIÇOS: TRABALHO DOCENTE

Nas últimas décadas do século XX mudanças significativas aconteceram, uma nova roupagem do modelo de produção capitalista desponta. Neves (2000) ressalta que a entrada de novas tecnologias e a defasagem do modelo taylorista/fordista, transformam de forma intensa o mundo do trabalho.

De acordo com a autora essa nova configuração de acumulação capitalista, com maior circulação de capital e ampliação dos mercados, bem como um modelo de produção flexível, proporcionava mudanças significativas. Uma verdadeira metamorfose não só nas relações de trabalho como também na divisão sexual do trabalho. (NEVES, 2000).

Em um modo de produção que privilegiava até então majoritariamente o trabalho produtivo, a partir, da reestruturação produtiva, com a intensificação das novas tecnologias, bem como a fragmentação das cadeias produtivas na indústria, as relações de trabalho também mudam. Cresce o desemprego, qualificações específicas são cobradas, essas entre outras transformações impulsionam o setor de serviços<sup>3</sup>. (DUTRA, 2011)

De acordo com Nunes (2011), o mercado de trabalho com as todas essas transformações passa a exigir grande quantidade de informações e profissionais qualificados para dar conta dessa demanda. Em meio a esse contexto de novas tecnologias e desenvolvimento, exigindo capacitação do setor de serviços, ainda existe uma grande demanda no setor em atividades que não demandam tanta qualificação.

---

<sup>3</sup> O setor de serviços, também conhecido como setor terciário, caracterizado por atividades bastante heterogêneas. De acordo com Dutra (2011) os profissionais que não foram absorvidos no setor secundário, setor produtivo, se inseriram em atividades diversas, na oferta de serviços especializados. Nunes (2011) aponta que o setor de serviços é dividido em quatro subsetores: **produtivos** (serviços bancários, financeiros, etc); **distributivos** (transporte, comércio por atacado e varejo, etc); **sociais** (saúde, educação, religiosos, etc) e **pessoais** (domésticos, reparação, higiene e beleza, etc). No entanto, o autor destaca que essa divisão é passível de alterações e inclusões tendo em vista as especificidades do setor.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Outra problemática é em relação à flexibilização do trabalho, partindo do pressuposto que essa forma de trabalho abre grandes possibilidades, em termos de adequação a esse momento de novas relações de trabalho. No entanto, prejudica a regulamentação de trabalho e emprego, desinstitucionaliza as relações salariais, provocando precarização e subcontratação, principalmente entre os trabalhadores que compõem essa parte do setor que não é exigido tanta qualificação. (NUNES, 2011)

Ao discutirmos sobre as profissões e ocupações que não exigem tanta qualificação e que estão mais passíveis de precarização e desvalorização, ainda mais quando analisamos a divisão do setor em subsetores, feita por Nunes (2011), as relações de gênero tornam-se uma discussão imprescindível. Compreendendo os subsetores produtivos e distributivos como mais valorizados, exigindo capacitações específicas para sua realização, e tradicionalmente ligadas a atividades majoritariamente masculinas. Já os subsetores sociais e pessoais, exigindo menos qualificação, em atividades relacionadas ao cuidado, ao ensino, a caridade, necessitando de qualificações que seriam “inatas” ao sexo feminino, são desvalorizados e representam grande parte dos serviços subalternos.

Esse entendimento está fundamentado na noção de estereótipos de gênero<sup>4</sup> nas relações de trabalho que Yannoulas (2013) aponta como justificativa para a desvalorização do trabalho feminino. Destacando como esses estereótipos influenciam em uma segregação ocupacional, separando trabalhadores e funções por gênero.

Nesse sentido, as mulheres seriam direcionadas ao trabalho reprodutivo, relacionados ao cuidar e educar, entendendo como uma extensão do espaço privado familiar, “de responsabilidade da mulher”. Yannoulas (2013) destaca ainda que as justificativas são construídas culturalmente, de que o trabalho produtivo em sua maioria poderia trazer algum dano à saúde biológica da mulher e até mesmo afetar a sua capacidade reprodutiva, tendo em vista que essa é a prioridade na vida das mulheres. Portanto a alternativa que as mulheres teriam mediante a sua especificidades biológicas e de adequação do tempo, relacionado às outras funções que tem como “obrigação desempenhar no

---

<sup>4</sup> Yannoulas (2013) destaca como o perfil da mulher e do homem construído socialmente influência nas relações de trabalho, de forma negativa para a mulher. A mulher é culturalmente definida como relacional, cuidadora, gentil, carinhosa, enquanto o homem é tido como assertivo, nervoso, competitivo, forte, ambicioso, criando assim estereótipos de gênero que separam as mulheres em homens nas funções que irão desempenhar.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ambiente familiar”, seria desempenhar funções ligadas a reprodução. Atividades estas que estão localizadas nos últimos subsetores citados por Nunes (2011), sociais e pessoais.

Compreende-se, portanto que qualquer ocupação realizada em ambientes que relacione o cuidado ou educar, mesmo que gere mais-valia diretamente, serão tidas como extensão do trabalho reprodutivo, sendo desvalorizada e estigmatizada. Dentre essas atividades desenvolvidas no setor de serviço, especificamente no trabalho docente, destacam-se as atividades de do profissional da Educação Infantil, da qual discorreremos mais adiante.

### **2.1 Trabalho docente, gênero e Educação Infantil.**

Os profissionais da educação realizam um importante trabalho emocional no seu cotidiano profissional, consequência da implicação na relação pedagógica com os alunos e também das exigências da organização escolar, bem como da comunidade; os professores aprenderem a problematizar e a regular as suas emoções e as dos alunos.

Compreende-se que professores e alunos desenvolvem um trabalho emocional, que exige uma regulação emocional em favorecimento a manutenção da conformidade com os padrões normativos e à percepção e expressão de “emoções pedagogicamente desejáveis”;

É um período em que a criança está aprendendo a vincular-se com outros adultos, para além do seu contexto familiar, bem como com outras crianças. A professora (por ser um campo de trabalho majoritariamente feminino) é responsável nesse contexto pela adaptação da criança.

É uma fase por vezes desgastante, tanto por lidar com as expectativas da família, com a sua ansiedade bem como com as dificuldades do aluno frente ao novo mundo que se descortina.

Por se tratar de uma parte da Educação básica que tem constante relação entre o cuidar e o educar, a profissão de educador na educação infantil encontra muitas barreiras, relacionadas a valorização da profissão e reconhecimento de sua função enquanto professor.

Os sentidos atribuídos a profissão do professor perpassa por questões históricas, sociais, políticas, culturais e de gênero. Não é recente, ouvirmos falar que para ser professor é preciso ter vocação. Essa expressão é cultural e histórica, e carece ser desmistificada. Álvaro Hypólito (1997,



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

p. 23) assinala que [...] “a constituição do magistério como vocação/sacerdócio foi construída por razões políticos-religiosas, conservadoras e autoritárias”.

O funcionamento das escolas no século XVI realizou-se-predominantemente nas igrejas, catedrais e conventos, e os professores majoritariamente homens eram ligados ao clero. Como integrante de uma instituição religiosa o professor desfrutava de prestígio social, respeito, autoridade sobre seu trabalho e independência.

Ao passo que foram se modificando a conjuntura da escola, e o atendimento estendeu-se as camadas mais amplas da sociedade necessitou-se de colaboradores para exercer a função docente, geralmente pessoas leigas que tinham a missão de ensinar e professar a fé. O que revela como as raízes históricas da função docente foram arraigadas por ideários religiosos.

Mesmo com a mudança de regulamentação, em que o Estado começou a colocar-se como controlador e organizador do sistema escolar a noção histórica de vocação e sacerdócio não se perdeu, por vezes foi legitimada, visto que, em um cenário de propostas liberais era primordial manter o ideário religioso.

As qualidades do trabalho docente que o estado vai incentivar são aquelas que reforçavam o ideário religioso da vocação da docência. Essa é uma contradição não só dos professores que, de alguma maneira, já despertavam para o profissionalismo, mas também do Estado que se pretendia liberal e laico. O Estado, mesmo tentando construir uma rede de ensino pública e laica, não podia deixar de submeter aos aspectos socioculturais construídos sob a hegemonia religiosa. (HYPOLITO, 1997. p.27)

À medida que o ideário liberal foi adentrando ao cenário político e social, vão ocorrendo transformações significativas na sociedade: industrialização, urbanização, modificação das formas de organização do trabalho, surgimento de movimentos de organização profissional dos professores. Entretanto, tornando-se assalariado o prestígio que ora gozava os professores foi se perdendo, assim como, sua autonomia, autoridade e controle sobre o seu trabalho. Da mesma maneira, o exercício da docência ocupado por mulheres acentuou-se. Como mostra Hypólito (1997.p. 76):



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

O processo de feminização, praticamente generalizado em todo o ocidente, mudou o perfil do professor primário. A docência elementar era exercida por homens, e, à medida que o sistema de ensino expandiu, com o desenvolvimento do capitalismo, passou a ser exercida fundamentalmente por mulheres. Isso foi possível em consequência de múltiplos fatores relacionados com a condição cultural da mulher, com a ideologia da domesticidade, com a falsa identidade entre o trabalho de ensinar e as habilidades femininas e com o ideário do sacerdócio e da vocação.

O desprestígio e as mudanças no perfil social e de gênero dos professores não foram os únicos fatores que desencadearam um complexo quadro de contradições e desafios na trajetória do professorado. As condições, o campo do trabalho, a falta de uma identidade coletiva profissional, a precarização do campo de atuação e os baixos salários são outros elementos que de forma direta interferiram e ainda interferem na constituição da identidade do ser professor.

Na Educação Infantil as professoras precisam na organização do trabalho pedagógico adequar tempo e espaço que assegure os diversos momentos educativos com os de higiene, alimentação e repouso, sempre trabalhando o educar e cuidar. Essa relação própria do setor de serviços intensifica a desvalorização da carreira do profissional de Educação Infantil, bem como a intensidade de trabalho e as longas jornadas, para além da sala de aula e horários de serviço, trazem consequências para a saúde física e emocional dos profissionais.





**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **METODOLOGIA**

A base teórica e epistemológica desse trabalho tem como referência o diálogo com teóricos do campo da sociologia das emoções norte-americana, sociologia do trabalho e grandes feministas, na discussão da questão de gênero, bem como de autores referências do trabalho docente.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### CONCLUSÃO

Diante do exposto, percebe-se que tanto as calorosas discussões sobre as emoções quanto a investigações no campo do trabalho em serviços, são recentes e de extrema relevância na área sociológica, tendo em vista as metamorfoses do mundo do trabalho nas últimas décadas.

No contexto atual é imprescindível compreender a questão de gênero e as emoções enquanto categorias de análise fundamental nos estudos sobre trabalho, sobretudo no campo da sociologia. Possibilitando assim a compreensão de forma mais abrangente das estruturas sociais, dos sujeitos envolvidos bem como das desigualdades produzidas.

Observa-se que mesmo com os avanços de estudos da área, mudanças significativas nas relações de trabalho, as diferenças entre homens e mulheres ainda persistem, seguindo a lógica da formação histórica da nossa sociedade. Os apontamentos feitos ainda são iniciais, não se esgotam aqui, necessitando de estudos posteriores para apreender mais desse contexto de luta por mais igualdade e principalmente do trabalho emocional.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **BIBLIOGRAFIA**

BONELLI, Maria da Gloria. **Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções**. Cad. Pagu, Campinas, n. 22, p. 357-372, June 2003.

DUTRA, Lúbia Gonzaga. Um olhar sobre o trabalho e o consumo de serviço em fast food. In: NUNES, Jordão Horta. **A seu dispor!:** sociologia do trabalho em serviços. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

GORDON, Steven I. The sociology of sentiments and emotion. In: **Social Psychology:** Sociological approaches. Ed. Basic Books, 1981.

HIRATA, Helena. **Reestruturação produtiva, trabalho e relações de gênero**. Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo. Ano 4 – número 7, 1998, p. 5-27.

HOCHSCHILD, Arlie. Between the toe and the heel. Jobs and Emotional Labor. In:\_\_\_\_\_. **The managed heart**. Commercialization of human feeling. Berkeley: University of California Press, 2003 [1983], p. 137-161.

HYPÓLITO, A. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

JAGGAR, Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos, 1997.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena at al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

NEVES, Magda de Almeida. Reestruturação produtiva, qualificação e relações de gênero. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar. **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. São Paulo: Editora 34, 2000. p. 171-186.

NUNES, Jordão Horta. “A seu dispor!” – Identidade e interação no trabalho em serviços. In: NUNES, Jordão Horta. **A seu dispor!:** sociologia do trabalho em serviços. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

NUNES, Jordão Horta; CAMPOS, Andréia Ferreira. **O setor de confecções em Goiânia:** análise de relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar. Revista Sociedade e Cultura, v. 9, nº 2, jul/dez, 2006.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. In ALMEIDA, Heloísa e SZWAKO, José Eduardo (orgs.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009, p. 116 – 148.

TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes incômodas?** Emoções na sociologia norte-americana. Tese de doutorado da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFB. Salvador, 2009.

YANNOULAS, Silvia. Introdução: sobre o que nós, mulheres, fazemos. In: Yannoulas, Silvia. (Org.). **Trabalhadoras**. Análise da feminização das profissões e ocupações. 1ed. Brasília: Abaré, 2013.